

A IMPRENSA

19 DE JUNHO
DE 1898

A IMPRENSA

ORGAN HEBDOMADARIO, DOUQUINARIO E NOTICIOSO

ANNO II

ASSIGNATURAS

DENTRO DA CAPITAL

Anno..... 12\$000
Semestre..... 6\$000

Surge et Ambula

(AT. APOST. C. V. 6)

ASSIGNATURAS

FORA DA CAPITAL

Anno..... 14\$000
Semestre..... 7\$000

N. 52

AUS NOSSOS ASSIGNANTES

Prevenimos a os nossos assignantes que brevemente o nosso jornal passará por uma transformação relativamente a impressão, para o que já mandamos ver typos novos.

Devido ao estado actual das cousas ainda não nos tendo sido possível tomar aquella medida, o que fazemos agora com os maiores sacrificios a fim de sanar aquella falta—a impressão imperfeita—que se nota em nosso humilde jornal.

Creemos que dentro em pouco os nossos bondosos assignantes, nos serão mais indulgentes, pois pretendemos reformar também a parte noticiosa, obtendo para as nossas columnas o que de mais momento se nos apresentará.

ASSOCIAÇÃO DO S. CORAÇÃO DE JESUS

Avisa-se aos Rvms. Srs. Vigários, em cujas freguesias se achar instalado o Apostolado da Oração, que nesta typographia se encontra os seguintes objectos concernentes a De-

voção ao Sagrado Coração de Jesus: Diplomas de Aggregação, idem de Directores locais, Zeladores, Pressdentes, Secretarios thesoureiros, patentes, manuaes, medalhas para zeladores e associados. Qualquer pedido pode ser endereçado ao Rvmo. Conego Fernando Lopes e Silva, que também se encarrega de mandar tomar assignaturas do « Mensageiro do Coração de Jesus » de S. Paulo.

«A IMPRENSA»

O respeito nos templos

PARAHYBA 19 DE JUNHO DE 1898.

É um espectáculo sublime ver-se o povo christão reunido nos sagrados templos. Alli calão se as paixões e qualquer espirito de classe desaparece, revelando-se somente a força sobrehumana que impulsiona tão grandes massas e proclama-se em linguagem silenciosa a verdadeira igualdade de todos os homens que, unidos em um só pensamento, vem dar a Deus um festejo solenne de submissão, respeito e amor.

Não obstante a sua immensidade, escolhe Deus por intermedio de um poder por Elle mesmo instituido e que na terra faz as suas vezes, esses lugares nos quaes seus filhos podem facilmente congregarse e tributar-Lhe as homenagens a que tem direito, como Senhor e Pae, que é de todos os mortaes.

Extincto o fogo das perseguições, não tardou a Igreja Catholica em estabelecer leis, registrar privilegios que tutelassem a santidade desses lugares destinados á celebração dos divinos officios e recomendassem cada vez mais a sua dignidade. Não escaparam a sua vigilancia leis e prescripções que regulassem os actos do culto divino e prevenissem qualquer cousa em que os fieis podessem tornar-se menos dignos de louvor. Que manifestassem sempre em seus costumes não somente a santidade do lugar como também da doutrina de J. C., era seu principal intento.

Parecia ferir a honra do proprio Deus a transgressão de suas leis, a violação de seus privilegios e a falta de respeito nos lugares a Elle consagrados. E nem outro podia ser o sentimento da Igreja em relação aos templos, quando, pelo bom alto o exemplo de seu fundador, que viera em pessoa elle

mesmo para punir os profanadores dos lugares sagrados.

Os proprios pagãos jamais consideraram os templos como lugares de reuniões indifferentes e inuomemos como centros de divertimentos e obras que pdessem offender a presença de seus deuses. Testemunho peregrino do respeito que professavam nos deixou Seneca em suas palavras: «Entramos nos templos com toda modestia, nos aproximamos dos sacrificios com a cabeça inclinada em signal de submissão e em tudo revelamos o nosso respeito.» Os antigos povos germanicos não entravam nos bosques dedicados aos seus idolos sem que arrastassem pezantes cadelas, em quanto os Sarcenos em respeito singular deixavam transparecer até mesmo quando pisavam no pavimento dos lugares consagrados aos seus idolos.

Castigados os idolos do paganismo, tanto a Igreja, quanto a Egreja, com tanto rigor, mas não deixou por isso de verberar fortemente com suas penas aquelles que se tornassem reos de profanação. Secundando o seu zelo, os sagrados pastores vigiaram attentos pelo respeito divino á casa de Deus, e submissos as suas leis, os primeiros christãos faziam questão de honra a fim de que o verdadeiro Deus fosse dignamente respeitado em seus Sanctuarios.

Á luz simplesmente natural da razão comprehendiam perfeitamente que não deviam ficar aquem dos pagãos nem commetter qualquer falta de respeito pela qual o verdadeiro Deus dos christãos, ficasse, por assim dizer, envergonhado ou tivesse inveja da modestia e acatamento que aquelles observavam quando se achavam em presença de Jupiter ou Saturno.

São passados muitos seculos e a sua vigilancia não tem diminuido em cousa alguma. Ainda não deuse caso de contemporização de sua parte com os abusos que não somente desdouram aquelles que os commettem, como também são outras tantas injurias atiradas ao mesmo Deus que não pode divisar a sinceridade nas homenagens que parecem muitas vezes fallar de um modo differente ao que exigiria a magestade de sua presença, a santidade do lugar e até mesmo o exemplo que devem dar aos demais. E poderíamos até dizer que se em outros tempos a Egreja obtinha de seus filhos o cumprimento desse dever, com maior facilidade poderia obter também hoje, quando

alem dos meios que estão a seu dispor, teria toda razão de appellar para a honra do mesmo povo, que se gloria de viver em o seculo que, como se diz, com suas luzes tem dado a derradeira mão de lustre á educação.

E não haveria necessidade deste appello, porque o povo e sobretudo os catholicos por si mesmo bem podem comprehender que se nos salões, nas reuniões civicas, todos os preceitos da etiqueta e civilidade se devem observar com severidade, com maior força de razão nos templos sagrados todo acatamento é pouco, porque se nos é dado conversar alli no silencio da oração com um Amigo e Pae, devemos estremecer também diante d'Elle que é Deus e Senhor justiceiro.

Estamos a cabeceira do seculo das luzes e podemos com um olhar retrospectivo, proferir o nosso juizo do quanto se tem empenhado os christãos do cumprimento desse dever.

Uma pergunta de grande importancia nos escapa neste momento: Não terá a Egreja motivo para envergonhar-se? Não queremos por nós mesmos responder: qualquer resposta que dessemos não deixaria de exprimir algum sentimento de tristeza, principalmente quando examinamos os exemplos dos antigos christãos e a sua vigilancia a que tão pouco se tem correspondido.

Comparamos ainda as lições que nos deixaram até mesmo aquelles que eram destituidos da luz sobrenatural da fé e nos volta a mesma pergunta: O verdadeiro Deus dos christãos não terá alguma inveja do respeito tributado as falsas divindades do paganismo e não terá motivo sobejo para queixar-se de seus filhos?

Talvez, talvez!!!

DIA DO SENHOR

Não será por demais elucidado o principio sobre que se torna mister encarecer a sua fiel observancia e os intuitos primordiales de sua effectividade.

Corpulentando-se em todas as formas de uma verdade pelo exemplo irrefutavel do Criador, após as forças operativas de seis dias de trabalho, desenrolando os magnificos paineis das cousas creadas; surge, cingindo o merecido diadema de todo o respeito

e pratica o dia, em que o mesmo Deus estabeleceu a indeclinavel obrigação de Lhe consagrarmos para dar-se implemento aos preitos de nosso lavour, adoração e reconhecimento, coefficients necessarios de nossa condição de seres contingentes, exornados do penhor de um alma naturalmente christã, como nos assegura o glorioso Antistite de Hippoza.

Soando nas estercis moradas do nada a voz eterna de Deus, nos attesta a vera immaculidade da historia que por seis dias se movimentaram na muzca de extorções multiplas os elementos da natura que via então a aurora de seu nascimento; sendo que depois para um perennal exemplo a todas as gerações o mesmo Deus assumiu o estado de repouso e jazigo ás Suas proprias operações.

No computo decalocal de Sua vontade escripta, promulgado nas fragosas alturas do Sinai, gravou em rochosa lapide o preceito da santificação do dia em Sua honra, pregando assim a consonancia de uma obrigação para o proveito de nossa vida espirital e a derivativa de uma necessidade de nossa natureza, que necessita do descanso dos lassos membros depois do activo exercicio de um trabalho diurno.

E a historia, nos instruindo nos meritos de suas narrativas indubitaveis nos capacita do grande phenomeno da descida do maná das tribus israeliticas durante os seis dias da semana e sua omisão no setimo; da multumda abundancia em tempos idos durante seis annos ininterruptos e da plena esterilidade do setimo anno, em que todos na impossibilidade de arrotearem os campos se mantiveram das immensas sobras da colheita anterior.

Castigos diversos foram comminados aos contraventores do divino mandado.

É certamente este o dia que fez o Senhor, como nos diz o canto alleluistico das sagradas lettras: *Haec die quam fecit Dominus exultemus et laetemur in ea.*

A sacra lithurgia consagrando ao Domingo o memorar dos mais estupendos milagres, fal-o santificado por preceito, para que todos os fieis possam fazer a santa romaria aos templos do Deus vivo, evolvendo ao Seu seio increado as espiraes de seu culto de amor e de supplica.

Si nos dictames da vida social, somos impellidos muita vez pela admiração de uma data immortal pelo fastigio de suas glorias; com superior motivo na vida espirital sejamos os convictos observantes d'esta norma, applicando a famma combusta da censura a muitos catholicos que aproveitam os dias santificados pelo Senhor nos mais reprovados entretenimentos, desprezando o salutar dever da audição da missa e o respeito dos templos sagrados para a acurada permanencia de jogos e saraus.

Santifiquemos os domingos, olhando neste preceito a mais sabia economia de Deus, e os motivos de desenvolvimento indispensavel

